

## A IDEOLOGIA DA ESCOLA PARA ALTHUSSER: DEFINIÇÕES E CONTRAPOSIÇÕES

Sheila Santos Carvalho Ribeiro<sup>1</sup>

**RESUMO:** Quanto se cria instituições, a sociedade cria mecanismos que podem contribuir para diminuir as desigualdades sociais, econômicas e culturais ou acentuar ainda mais as mesmas. Passando de instrumento de superação a instrumento de controle sobre a vida das pessoas. Diante das contribuições crítico reprodutivista feitas por Althusser e Ilich, onde é forte a presença do fracasso do modo como as instituições, em especial a escola se faz. Ao posicionamento de Cury sobre o elemento da contradição, revelando papel motor para a luta de superação, por conseguinte os aspectos definidos por Freire, na essência da negação da pedagogia dos oprimidos para pedagogia dos homens, convocando para atitude política, que em harmonia com a fenomenologia, da época de Husserl, por Adão Peixoto, do Personalismo de Mounier, confirma a preciosa e possível, embora complexa humanização que a educação pode revelar para as pessoas.

**Palavras-chave:** Ideologia. Educação. Contradições.

**ABSTRACT:** As it creates institutions, society creates mechanisms that may contribute to reduce social inequalities, economic and cultural or further accentuate them. Passing instrument for overcoming the instrument of control over people's lives. Given the critical contributions made by Althusser and reproductivist Ilich where there is a strong presence of the failure of the way that institutions, especially schools and it's done. The positioning of Cury on the element of contradiction, revealing leading role in the fight to overcome, therefore the aspects defined by Freire, in essence denying the pedagogy of the oppressed Pedagogy for men, calling for political attitude, which in keeping with the phenomenology of Husserl's époque by Adão Peixoto, the personalism of Mounier, confirms the valuable and available, though complex, humane education can prove to people.

**Keywords:** Ideology. Education. Contradictions.

### 1 INTRODUÇÃO

Entre algumas observações que trataremos, há a constatação de que o processo de escolarização enfrenta um paradoxo, ao mesmo tempo em que pretende a humanização, revela em suas práticas, processos de reificação das pessoas. Principalmente quando levam em consideração os aspectos quantitativos em sobreposição aos qualitativos, e não correlacionam ambos, em uma perspectiva orgânica. Após o discurso da trilogia da Revolução Francesa que pregava a

---

<sup>1</sup> Licenciada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás. Especialista em Psicopedagogia e Direito Constitucional. E-mail: sheila.com@hotmail.com.

igualdade, fraternidade e liberdade, foram notórias as mudanças radicais na história da humanidade, de ordem econômica, de ordem social, política e de valores, tentando-se criar alternativas racionais para as formas da vida da pós-modernidade frente ao paradigma emergente que nos encontramos, sobre tudo com reflexões pontuais na educação, por isso há importância de discutir as contradições reveladas na teoria e seus mecanismos de possíveis superações na prática.

A Educação com sua estrutura institucionalizada, passa pela crise existencial na humanidade, pela crise de legitimidade entre educadores, que enfrentam questionamentos incorporados pela lógica de mercado, mercantilização do ensino superior, autonomia e diversos aspectos da vida social. Entretanto, esta pesquisa se justifica pela finalidade de abrir-se discussões sobre educação e suas contradições, os papéis dos educadores, reflexões sobre os instrumentos de controle, o modo como são analisados, a complexidade desses processos, com fundamentação autêntica, com uma visão sistêmica, reconhecendo assim que todas as grandes mudanças são precedidas de reavaliação e reorganização intelectual, e de assumir uma postura para desinstalar nossos confortos, orgulhos e nossa alienação.

Este artigo tem, portanto, o objetivo estrito de compreender alguns paradoxos da educação, ora como instrumento de reprodução, ora como emancipação do homem, como educação e contradição. Refletir sobre o papel do educador em uma perspectiva de elaboração do conhecimento e não transmissão deste. Assumir atitude de enfrentamento, de combate e de mudanças das estruturas fragmentadas da realidade, que não consideram aspectos sociais, políticos e econômicos. Superação das conclusões simplistas no meio acadêmico de que a educação sozinha é capaz de mudar a contingência social do ser.

## **2 APARELHO IDEOLÓGICO**

Não é no campo das ideias que as ideologias existem e, portanto, não é aí que se encontra seu interesse teórico. As ideologias tem existência material, é nessa existência material que devem ser estudadas, e não enquanto ideias (ALTHUSSER, 1918). Como ponto de partida o autor não restringe a ideologia ao campo das ideias, sim no contexto e na prática das instituições concretas, cada uma com sua sistematização própria, que através das forças de trabalho tanto na infraestrutura

como da superestrutura<sup>1</sup> constroem condições para reprodução das forças de produção sobre aspectos de origem de base econômica. A forma subjetiva que a ideologia propaga faz com que o sujeito faça representações imaginárias de suas reais condições de existência, porém falseada pelo mundo imaginário, utilizando-se de vários meios para atingir seu objetivo primário que em um primeiro olhar, fica sempre difícil de interpretação.

[...] não se pode libertar os homens enquanto estes não estiverem em condição de adquirir comida e bebida, habitação e vestuário na qualidade e na quantidade perfeita. A libertação é um ato histórico não um ato de pensamento, e é efetuada por relações históricas, pelo nível da indústria, do comércio, da agricultura, do intercâmbio [...] (MARX, 1883, p. 25).

Mais um reforço feito de que a contingência social está ligada as condições expressas da ideologia, e sendo a libertação um ato histórico, não apenas um ato de ideias, sendo necessário para tanto a necessidade de mudanças, se a sucessão das gerações exploram os materiais, capitais, forças de produção que lhe são legados, para manutenção dessas forças de opressão e exploração, fica claro a relação concomitante das instituições e suas forças para tais reproduções.

Sob forma de instituição distinta e especializada, com objetivo de condições de reprodução das forças de produção, Althusser direciona e constrói um conceito sobre ideologia das instituições, mecanismos de sujeição a partir de notas de Marx<sup>2</sup>, presente nos órgãos centrais do estado e órgãos da sociedade civil. Assim, instituições como governo, judiciário, família e a escola seriam aparelhos ideológicos do estado, todos contribuindo para relações de exploração do capitalismo. E seria a escola o aparelho ideológico que desempenha papel dominante na sociedade, encarregando-se desde os primeiros anos a ritualizar as crianças.

Ela se encarrega das crianças de todas as classes sociais desde o Maternal, e desde o maternal elas lhes inculca, durante anos, precisamente durante aqueles em que a criança é mais “vulnerável”, espremida entre o aparelho de Estado familiar e o aparelho de Estado escolar, os saberes contidos na ideologia dominante (o francês, o cálculo, a história natural, as ciências, a literatura), ou

<sup>1</sup> Para Althusser a Infraestrutura constitui base econômica e Superestrutura comporta as instituições e também a ideologia.

<sup>2</sup> Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política, em que Marx sublinha a radical descontinuidade entre totalidade pensada e totalidade existente no real, entre movimento do pensamento e o movimento da realidade.

simplesmente a ideologia dominante em estado puro (moral, educação cívica, filosofia) (ALTHUSSER, 1918, p. 79).

É de fato a escola que mantém por período significativo e obrigatório as crianças por longos anos em um ambiente de reprodução das forças capitalistas. Com um discurso ideológico que nunca pode e quer dizer o que pretende se não se autodestruiria como ideologia.

Peço desculpas aos professores que, em condições assustadoras, tentam voltar contra a ideologia, contra o sistema e contra as práticas que os aprisionam, as poucas armas que podem encontrar na história e no saber que “ensinam”. São uma espécie de heróis. Mas eles são raros, e muitos (a maioria) não têm nem um princípio de suspeita do “trabalho” que o sistema (que os ultrapassa e esmaga) os obriga a fazer, ou, o que é pior, põem todo seu empenho e engenhosidade em fazê-lo de acordo com a última orientação (os famosos métodos novos!) (ALTHUSSER<sup>3</sup> 1918, p. 81).

Para Althusser, o sistema escolar encarrega-se em reproduzir relações de exploração, reforçando uma crise sem precedentes, com um discurso oculto, que subjuga seus agentes por tempo significativo e no caso, na escola, obrigatório, inculcando aspectos reprodutores das forças de exploração; com enfoque crítico reprodutivista, o autor determina o papel da educação por ações de base econômica, que estão fora do contexto da própria educação, demonstrando nestas perspectivas a interpelação dos indivíduos.

Para Ivan Illich (1926, p. 67), “a lei da frequência obrigatória possibilita à sala de aula servir de ventre mágico, donde a criança é libertada periodicamente, ao final do dia ou ao findar o ano escolar, até que seja, finalmente, expelida para a vida adulta.”

Quando o autor cita aspectos da frequência escolar, demonstra a ineficiência do processo frente à ideia de que isso não basta para garantir o conhecimento, nem tampouco a expedição de um diploma. As palavras acima, de Ivan Illich, são a essência da sua teoria, parte da sua proposta de uma sociedade sem escolas, o

---

<sup>3</sup> Althusser constrói seu conceito de teoria a partir das notas de Marx no Prefácio à Contribuição à Crítica da Economia Política, em que Marx sublinha a radical descontinuidade entre a totalidade pensada e a totalidade existente no real, e entre o movimento do pensamento e o movimento da realidade. Formula sua ideia representando a sociedade constituída por determinações de infraestrutura e superestrutura, conjunto de instituições distintas e especializadas que contribuem para reprodução dos meios de produção do capitalismo.

lugar sistematizado de conhecimento não necessariamente seria a escola<sup>4</sup>, faz duras críticas à institucionalização da educação, com problemas sérios, limitando e monopolizando o aprendizado, reforça algumas colocações de Althusser, porém dando ênfase ao modo de organização do processo de ensino aprendizagem e a forma estrutural da escola. Em Ilich nota-se além da crítica, a presença da alternativa, de um modelo como opção possível, o que Althusser não consegue mostrar na sua teoria.

### 3 DAS POSSÍVEIS CONTRADIÇÕES

Entre esses aspectos podemos visualizar a presença da contradição, uma vez que mesmo com as duras, porém reais críticas feitas ao aparelho ideológico escolar, mesmo com as forças reprodutivas contribuindo para reprodução, e se tratando do aparelho ideológico escolar, a escola foi e pode ser espaço de contradição, na medida em que o próprio repensar da escola, em tempos e formas pode ser objeto desse estudo. Assumir na atividade educativa uma proposta de dialética que ameace o “bem estar”, conseqüentemente poderá trazer mudanças nos padrões culturais que controlam a sociedade. “Na sociedade capitalista, o movimento se dá em consequência do desenvolvimento das contradições que existem em seu seio. Tais contradições se revelam no papel motor da luta de classe na transformação social” (CURY, 1945, p.33). Na visão de Jamil Cury, há elementos que indicam notoriamente as contradições na educação, principalmente de não levar em consideração a contingência social do educador e do educando, por ser atividade humana partícipe da totalidade da organização social, nas possibilidades de ultrapassarem o discurso pedagógico e na mesma relação que este discurso pretende encobrir.

Sobretudo podemos mencionar as angústias de Paulo Freire, sobre a proposta dos contraditórios.

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com sua transformação; o segundo, em que, transformada a

<sup>4</sup> Para Ilich a escola nos inicia também no Mito do Consumo Interminável. Este mito moderno de fundamentar a crença de que o processo produz, inevitavelmente algo de valor e, por isso, a produção necessariamente cria a demanda. Sociedade sem escolas, (IVAN ILICHI, 1973, p. 75).

realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens em processo de permanente libertação (FREIRE, 1987, p. 33).

A libertação que se refere Freire tem haver com o entendimento do homem e as relações de poder na sociedade, frente à ideologia dominante, sobre as contradições na educação, e principalmente a superação dos homens em tentativa de libertarem-se dessas opressões. Enfatiza a essência da educação como prática de liberdade.

O que Paulo Freire propõe vai além das formas de críticas feitas por Althusser e Ilich, por ter sua essência definida por uma pedagogia consciente, problematizando a realidade, através de uma dialética que convoca o homem a ser um ser que interfere na sua realidade social, um ser político. Convoca a atitude política de enfrentamento, acreditando na possibilidade de mudança. Com a convicção de que enquanto existirem homens e mulheres, a mudança não será apenas utopia, pois a tarefa do educador não terminaria no treino, mas sim na formação.

Conforme Adão Peixoto (2011, p.157):

Além de se opor a fragmentação da realidade, a fenomenologia opõe-se também à pretensão de objetivação e naturalização, instituídas pelo empirismo e pelo positivismo, que apreendem, por exemplo, do pré-visto, do quantificável, da instrumentalidade, reduzindo-a com isso, ao estabelecimento de objetivos, metas, planejamento, quantidade e produtividade.

Neste sentido, como afirma o autor, a busca pela construção de um compromisso de uma educação humanizadora, a fenomenologia<sup>5</sup> evoca a ideia de voltar-se ao fenômeno como realmente é, tomando como ponto de partida o próprio fenômeno, não as concepções abstratas, preestabelecidas, fora da realidade, mas do ponto de vista fenomenológico, educação como intencionalidade, da recusa à atividade pedagógica como ritualização da obediência, de não diálogo, sem repasse de conteúdo com isenção da mediação com o mundo, sem reflexão crítica.

---

<sup>5</sup> No livro Fenomenologia: diálogos possíveis o objetivo de discutir o tema, muitos dos seus textos foram apresentados no I Congresso de Fenomenologia da Região Centro-Oeste, organizado pela Universidade Federal de Goiás, Professor Doutor Adão Peixoto. Volta às coisas mesmas inspirado na epouqué\* por Husserl (\*palavra grega que significa suspensão, colocação entre parênteses, deixar de lado o preconceito, numa suspensão provisória das nossas convicções...)

As mais solenes declarações de Direitos cedo se deturpam, quando não repousam sobre sociedades suficientemente ricas em caracteres indomáveis, e simultaneamente em sólidas garantias nas estruturas. Uma sociedade cujo governo, imprensa, elites, mais não difundem do que ceticismo, engano e submissão, é uma sociedade que vai morrendo e só moraliza para esconder a sua podridão. (MOUNIER, 1950, p, 73)

Neste momento, o personalismo de Mounier nos apresenta a falta da valorização das pessoas, também nos mostrando que a crise das estruturas mistura-se com a crise da pessoa, pode ter sido este link que também contribuiu para que o movimento socialista instituísse regime autoritário que anula a pessoa, como crítica aos fundamentos de projetos marxistas de sobreposição da pessoa a serviço das forças coletivas. A educação personalista valoriza a descoberta da contradição da realidade, busca fundamentação, propõe engajamento e se realiza na formação do homem como pessoa, pressupondo escuta, presença do homem no mundo e na história.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Há alguns questionamentos para nossa reflexão sobre a força da educação como aparelho ideológico, indutor e mantenedor de desigualdade sócio, econômica e cultural, e ora como espaço de contradição, ruptura e humanização. Frente ao paradoxo segue a necessidade dialética intencional de perceber que sem mudança no homem a sociedade não muda; como mudar a educação, sem mudanças na economia, enquanto que para uns a mudança deve ser nas estruturas, ou apenas palco para críticas, para o espaço contraditório às pessoas que não conseguiram as mudanças, sem antes rever os conceitos de ser a expressão dos próprios valores que pregam.

Ainda sem visualizar o que nos prepara o futuro, a verdade é que temos em nossa mão ao passo que o veneno, o próprio antídoto, porém em quantidade desproporcional, e o desafio de tirar da classe subalternizada as ciências humanas e sociais, que pode tanto nos auxiliar na busca de menos disparidades, pois são elas que nos comunicou essa realidade.

---

**REFERÊNCIAS**

ALTHUSSER, L. P. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. 7. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

CURY, Carlos Jamil. **Educação e contradição**. São Paulo: Cortez, 1986.

FREIRE, Paulo. **Ação Cultural pra libertação**. 6. ed. RJ, Paz e Terra, 1982.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

ILICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Rio de Janeiro: Vozes, 1973.

MOUNIER, Emmanuel. **O Personalismo**. São Paulo, SP: 1950.

PEIXOTO, Adão. **Fenomenologia: diálogos possíveis**. Campinas, SP: Editora Alínea; Goiânia, GO: Editora da PUC de Goiás, 2011.